

METÁFORAS DO SENTIDO DA VIDA EM VIKTOR EMIL FRANKL

METAPHORS FOR THE MEANING OF LIFE IN VIKTOR EMIL FRANKL

METÁFORAS DEL SENTIDO DE LA VIDA EN VIKTOR EMIL FRANKL

 Gilvan de Melo Santos¹

 Ana Tereza do Nascimento Sales Figueiredo Fernandes²

 Maria Simone Marinho Nogueira³

 Wiliam Alves Biserra⁴

1. Graduado em Psicologia (UEPB) e em Arte e Mídia (UFCG). Doutor em Linguística (UFPB e UPONLD – França). E-mail: gilvanmusic@gmail.com
2. Graduada e Doutora em Fisioterapia (UFRN). E-mail: anateresafernandes@servidor.uepb.edu.br
3. Graduada em Letras e em Filosofia (UFRN). Doutora em Filosofia (UC – Portugal). E-mail: marianogueira@servidor.uepb.edu.br
4. Graduado em Letras (Português e Inglês) (UnB). Doutor em Literatura (UnB) e Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (UnB). E-mail: wiliamalvesbiserra@gmail.com

RESUMO: A Logoterapia e Análise Existencial, criadas pelo neuropsiquiatra austríaco Viktor Emil Frankl (1905-1997), tem como categoria central o *Logos*, expressão grega que significa *sentido*. Considerando que esta categoria por vezes é confundida com expressões como: *objetivo*, *propósito* ou *significado*, este artigo tem como objetivo apresentar o conceito de “sentido” desenvolvido por Viktor Frankl, sob a forma de metáforas. Como metodologia, utilizamos uma revisão bibliográfica com discussões e análises a partir de obras de Frankl e de alguns outros autores. Como resultado, apresentamos a metáfora do jogo de xadrez, a metáfora do filme e a metáfora do palco escuro, todas criadas por Frankl, interligando cada uma delas aos tipos de sentido: sentido na vida, sentido da vida e suprasentido. Ao final, concluímos que, através da metáfora do jogo de xadrez, Frankl explica que não existe um sentido universal e estático, mas um sentido único, concreto e pessoal; através da metáfora do filme, Frankl pontua que o ser humano só poderá apreender o sentido da sua vida no leito de morte, quando poderá compreender o sentido de cada momento existencial; e ao apresentar a metáfora do palco escuro, Frankl explica o conceito de suprasentido, que para ser apreendido, depende da fé existencial de cada ser humano.

Palavras-chave: Metáfora; Sentido da vida; Logoterapia; Viktor Emil Frankl.

ABSTRACT: Logotherapy and Existential Analysis, created by the Austrian neuropsychiatrist Viktor Emil Frankl (1905-1997), has as its central category *Logos*, a Greek expression meaning *meaning*. Considering that this category is sometimes confused with expressions such as: *objective*, *purpose*, or *meaning*, this article aims to present the concept of “meaning” developed by Viktor Frankl, in the form of metaphors. As a methodology, we used a literature review with discussions and analyses based on the works of Frankl and some other authors. As a result, we present the metaphor of the chess game, the metaphor of the film, and the metaphor of the dark stage, all created by Frankl, linking each of them to the types of meaning: meaning in life, meaning of life, and superlative meaning. In conclusion, we found that, through the metaphor of the game of chess, Frankl explains that there is no universal and static meaning, but a unique, concrete, and personal meaning; through the metaphor of the film, Frankl points out that human beings can only grasp the meaning of their lives on their deathbed, when they can understand the meaning of each existential moment; and by presenting the metaphor of the dark stage, Frankl explains the concept of supra-meaning, which, to be grasped, depends on the existential faith of each human being.

Keywords: Metaphor; Meaning of life; Logotherapy; Viktor Emil Frankl.

RESUMEN: La logoterapia y el análisis existencial, creada por el neuropsiquiatra austriaco Viktor Emil Frankl (1905-1997), tienen como categoría central el *logos*, expresión griega que significa significado. Considerando que esta categoría a veces se confunde con expresiones como objetivo, propósito o significado, este artículo pretende presentar el concepto de «sentido» desarrollado por Viktor Frankl, en forma de metáforas. Como metodología, utilizamos una revisión bibliográfica con debates y análisis basados en las obras de Frankl y otros autores. Como resultado, presentamos la metáfora del juego de ajedrez, la metáfora de la película y la metáfora del escenario oscuro, todas creadas por Frankl, vinculándolas con los tipos de sentido: sentido de la vida, sentido de la vida y sentido superlativo. En conclusión, encontramos que, a través de la metáfora de la partida de ajedrez, Frankl explica que no existe un sentido universal y estático, sino un sentido único, concreto y personal; a través de la metáfora de la película, Frankl señala que el ser humano sólo puede captar el sentido de su vida en su lecho de muerte, cuando puede comprender el sentido de cada momento existencial; y al presentar la metáfora del escenario oscuro, Frankl explica el concepto de supra-sentido, el cual, para ser captado, depende de la fe existencial de cada ser humano.

Palabras-clave: Metáfora; Sentido de la vida; Logoterapia; Viktor Emil Frankl

Recebido em: 02/04/2026

Aprovado em: 23/02/2026



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Introdução

Criadas pelo neuropsiquiatra austríaco Viktor Emil Frankl (1905-1997), a Logoterapia e a Análise Existencial têm o *sentido* como categoria central de análise. Esta categoria por vezes é muito mal compreendida pelos estudiosos e admiradores desta abordagem psicológica (Logoterapia) e desta concepção antropológica (Análise Existencial). Comumente nas traduções do alemão, espanhol ou inglês para o português, o termo “sentido” é confundido com os termos “propósito”, “objetivo” ou “significado”. Outra confusão verifica-se quando se utiliza a expressão “sentido na vida” no lugar da expressão “sentido da vida”.

Isto posto, este artigo tem como objetivo apresentar o conceito de “sentido” desenvolvido por Viktor Frankl, sob a forma de metáforas, transversalizado por explicações de outros autores, tais como Aureliano Pacciolla, Danielle Bruzzone, Éfren Martínez Ortiz e José Arturo Luna Vargas. Para tanto, como recurso metodológico, utilizamos uma revisão bibliográfica imbuída de discussões e análises, a partir de obras clássicas de Viktor Frankl e de alguns outros autores pesquisadores do tema. Com base na referida análise, o texto foi dividido em três seções: 1 - O conceito de sentido; 2 - Metáfora do Jogo de Xadrez: O sentido na vida; 3 - Metáfora do Filme: O sentido da vida; 4 - Metáfora do Palco Escuro: O suprasentido.

O conceito de sentido

Parece simples a tarefa de definir o conceito de sentido. Normalmente ouvimos algumas expressões do senso comum: “Deus é o sentido da minha vida”, “sem o meu trabalho, a vida não tem mais sentido”, “eu escolho o que tem sentido para mim”, “a morte não tem sentido”. Afinal, o sentido pode ser uma pessoa ou uma atividade? É possível construirmos o sentido? Só há sentido nesta vida terrena?

Tais expressões e questionamentos se avolumam em importância por ser o sentido da vida a razão da felicidade. Não é em vão a descoberta de Frankl quando afirma que “ninguém procura a felicidade, senão uma razão para ser feliz” (Frankl, 2011, p. 48). Noutras palavras, ninguém apalpa substancialmente a felicidade, mas pode encontrá-la exatamente quando não a busca e quando possui um “para quê” viver. Na etimologia da palavra “sentido”, Frankl (2019, p. 124) encontra em *logos*¹ (λόγος) a sua maior expressão, remetendo-a à “razão”, “fundamento”, “palavra”, enfim, “sentido”, sendo a Logoterapia conhecida como “a terapia do sentido”. Desaguando do imaginário popular e até dos meios científicos, a palavra “sentido” tem sido utilizada como sinônimo de outros termos, a exemplo, “propósito”, “objetivo” ou “significado”.

¹ Sabemos das muitas traduções que o termo *logos* pode ter, sobretudo se levarmos em conta os diferentes contextos em que foi e é utilizado. No contexto da Grécia antiga, por exemplo, na sua contraposição ao mito, assume o significado de *razão*. Já no contexto dos pré-socráticos, por exemplo em Heráclito, o termo pode significar o elemento de ordenação das coisas. Em contexto mais antropológico da filosofia grega antiga, *logos* pode ser entendido como discurso, instrumento dos debates públicos que aconteciam na *ágora*. Na teologia, se formos para o Evangelho de João 1:1, o termo pode ser traduzido por Verbo, palavra, já que o versículo afirma que *no princípio era o Verbo (logos)*. Naturalmente que não daremos conta, aqui da complexidade do termo e, deste modo, acolhemos a tradução atribuída por Frankl a este conceito, ou seja, a palavra *sentido*, que tem a sua razão de ser se levarmos em consideração seus diferentes, mas não contraditórios significados.

Magrin² (2026, p. 1) define propósito como um “ponto onde se deseja chegar, um lugar, uma posição, um desejo, uma crença”, sendo normalmente de caráter subjetivo. Como exemplo, alguém poderia dizer: “tenho o propósito de me tornar famoso” ou “tenho como propósito fazer um concurso”. Em suma, “o propósito é o ponto que queremos chegar”. Já o objetivo “é a rota que iremos traçar para alcançar o ponto de chegada” (Magrin, 2026, p. 1). Assim, “quando o propósito, que é baseado na crença, é transformado em um objetivo principal ou objetivo estratégico, ele determina a rota a seguir, de forma clara e transparente, para todos que possam estar de alguma forma envolvidos neste objetivo o compreendam” (Magrin, 2026, p. 1). Num dos exemplos anteriores, o objetivo do propósito “tenho o propósito de me tornar famoso” poderia ser: “contratarei um gestor de mídia para comandar as minhas redes sociais”.

Sobre a diferença entre *propósito* e *sentido*, na obra “A Vontade de Sentido: Fundamentos e Aplicações da Logoterapia”, Frankl afirma: “a autora [Charlotte Bühler] afirma que se deve ‘conceber o homem [sic] como portador de intencionalidade, o que significa viver com propósitos. E seu propósito é dotar a vida de sentido’” (2011, p. 47, grifos do autor). Com esta citação, Frankl utiliza a palavra “propósito” exatamente como ponto que o ser humano deveria chegar, ou seja, uma vida plena de sentido.

Sobre o termo “significado”, ele remete à representação de um signo ou de um símbolo. Construído subjetivamente, o significado refere-se a um significante, sendo este a coisa em si, concreta. Sendo o significante o objeto concreto e o significado a sua representação, tem-se que na imagem condensam-se significante e significado (Durand, 2002); é o que podemos constatar na imagem onírica, onde o símbolo que aparece num sonho é a coisa em si e a sua representação.

Para Pacciolla (2015, p. 25), “o significado é fruto ou efeito de um processo de percepção e/ou interpretação”. Neste caso, “é a interpretação que determina o significado.” No contexto paradigmático que o autor chama de “Cognitivism Existencial”, “o significado da vida é o resultado de como a própria vida é interpretada (ou entendida)” (Pacciolla, 2015, p. 25). Neste caso, se alguém concebe a vida como uma oportunidade para o divertimento, ele levará a vida com base numa “vontade de prazer”; ao contrário, se entende a vida como uma oportunidade para cumprir uma tarefa ou missão, a sua vida será motivada por uma “vontade de significado” (Pacciolla, 2015, p. 26).

Entrando na seara da palavra “sentido”, Pacciolla afirma: “enquanto o significado é entendido como o resultado de uma avaliação perceptiva e de uma interpretação, o sentido é compreendido como o resultado de uma avaliação de congruência com um contexto ou um confronto” (Pacciolla, 2015, p. 25). Como exemplo, o autor diz que “para o obsessivo, um ritualismo tem um sentido próprio em um contexto de necessidade de controle” (Pacciolla, 2015, p. 25). Neste caso, “sentido” para este autor remete à ideia de coerência ou congruência em relação a um contexto. No exemplo por ele apresentado, tem-se o sentido do sintoma para um obsessivo.

Diferente do Cognitivism Existencial, Viktor Frankl tem uma outra concepção acerca do conceito de sentido. Em “A Vontade de Sentido: Fundamentos e Aplicações da Logoterapia”, Frankl (2011, p. 81, grifos do autor) afirma que “o sentido é o que se tenciona, seja por uma pessoa que me pergunta algo, seja por uma situação que encerra uma pergunta e clama por resposta”.

² MAGRIN. Maria Heloiza Rodrigues. A diferença de Propósito e Objetivo. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/diferen%C3%A7a-de-prop%C3%B3sito-e-objetivo-maria-heloiza/>. Acesso em 22 de Janeiro de 2026.

Algo clareia aqui: enquanto o significado é resultado de um processo subjetivo, tal como bem apresentou Pacciolla, o sentido é “transsubjetivo”³ e é resultado da resposta de uma pessoa concreta perante uma situação concreta por ela vivenciada. Prestemos atenção ao verbo “tencionar”. No universo da noodinâmica de Frankl, no qual o ser humano sempre se abre a algo ou alguém, “essa tensão é a mesma que se funda entre o “Eu sou” e o “Eu devo”, entre o real e o ideal, entre o ser e o sentido.” (Frankl, 2011, p. 68, grifos do autor).

Nesta abertura do ser para algo ou alguém, entendida como autotranscendência, “ser humano significa ser em face de um *sentido a ser preenchido* e de valores a concretizar.” (Frankl, 2011, p. 69, grifos nossos). Percebe-se que o conceito de sentido de Frankl remete a algo que está fora do ser humano e que precisa ser *preenchido* ou *encontrado*, nunca e jamais construído. A tensão descrita no parágrafo anterior transcende a vida terrena, posto que Frankl também assevera: “Em termos agostinianos, poderíamos dizer que o coração do homem não descansa até que se encontre e se *realize o sentido da vida*.” (Frankl, 2011, p. 69, grifos nossos). A citação de Santo Agostinho, por parte de Frankl, empurra o conceito de sentido para o universo transcendente, uma vez que o Santo já dissera: “Por que Tu nos fizeste para Ti, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em Ti” (Agostinho, 2001, p.1).

Deste modo, além de ser preenchido, “os sentidos são *descobertos*; não podem ser inventados.” (Frankl, 2011, p. 79, grifos nossos). Apesar de não se valer da subjetividade, mas de uma transsubjetividade, Frankl é enfático: “Para cada pergunta, só há uma resposta: a certa. Só há, verdadeiramente, um sentido para cada situação vivida.” (Frankl, 2011, p. 81). Com base nesta ideia de uma resposta única para cada situação, Efrén Martínez Ortiz, um logoterapeuta colombiano, atesta que “o sentido é a percepção afetiva e cognitiva de valores que convidam a pessoa a atuar de um modo ou de outro, diante de uma situação particular ou na vida em geral, dando à pessoa coerência e identidade pessoal” (Ortiz, 2014, p. 62, tradução nossa). Este conceito de sentido diverge do conceito de Frankl no aspecto que apresenta a “percepção cognitiva” como vetor gerador do sentido; o que aproxima o autor do Cognitivismo Existencial. Importante assinalar que, diferente do cognitivismo, seja comportamental ou existencial, é a percepção afetiva que desvela o sentido; mais precisamente a consciência intuitiva, “capaz de perceber (intuir) o sentido, que se manifesta de forma irracional, sentimental, para além do racional” (Bruzzzone, 2011, p. 123).

Com base nestes conceitos de sentido, podemos adentrar nas 03 (três) metáforas propostas por Viktor Frankl, as quais discorrem sobre os 03 (três) tipos de sentido: sentido NA VIDA (para cada situação), sentido DA VIDA (Diante do leito de morte) e sentido DO UNIVERSO (suprassentido)⁴.

Metáfora do Jogo de Xadrez: O sentido na vida

O uso de metáforas sempre foi o recurso hermenêutico preferido de Viktor Frankl. Ele abusava do uso de metáforas e explicava os mais complicados conceitos através delas. Como exemplo, Frankl (2011) traz a imagem do “bumerangue” para explicar a diferença entre a “motivação secundária” pelo prazer e a

³ Esta ideia frankliana de transsubjetividade é muito interessante, pois além de não excluir a subjetividade humana, abre a possibilidade de a pessoa encontrar sentido fora dela. Mais detalhes, cf: FRANKL, Viktor. A Vontade de Sentido: Fundamentos e Aplicações da Logoterapia, 2011, p. 79; também se encontra em FRANKL, Viktor. Psicoterapia e sentido da vida: Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial, 1989, p. 76.

⁴ Sobre estes tipos de sentido, cf: Alexander Batthyany. In: FRANKL, Viktor E.; LAPIDE, Pinchas. A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido: um diálogo, 2014, p.46.

“motivação primária” pelo sentido, também impondo uma diferença entre o movimento neurótico e o movimento existencial, e ainda entre a autorrealização e a autotranscendência. Vejamos: “Assim como o bumerangue só volta ao caçador que o atirou se este tiver errado o seu alvo, o homem também só retorna a si mesmo e se engaja na autorrealização se tiver falhado em sua missão” (Frankl, 2011, p. 53). E assim, todos os livros de Viktor Frankl são recheados de metáforas, sejam isoladas ou em dupla: o olho, a bússola, o caleidoscópio e o telescópio, a hidrelétrica e o rio, o Teste de Rorschach e o Jogo de Xadrez, e tantas outras. Parece a todo instante que Frankl, ao tentar explicar o que existe no campo meta-clínico, afasta-se do pensamento racional e se apossa da subjetividade da arte, a arte das metáforas.

Às vezes Frankl recorre a uma mesma metáfora para explicar mais de um conceito. Vejamos o exemplo do Jogo de Xadrez. Para demonstrar como um logoterapeuta deve apelar em relação a tentativas de suicídio de um suposto paciente, ele diz: “Temos que lhe fazer ver como ele se assemelha a um jogador de xadrez que, colocado perante um problema que lhe parece extremamente difícil, joga fora as pedras do jogo, sem com isso resolver qualquer problema de xadrez” (Frankl, 1989, p. 89-90).

Assim, quando procura explicar o conceito de “sentido na vida” ou o sentido encontrado em situações concretas da vida, Frankl retoma o símbolo do Jogo de Xadrez, apresentando a seguinte metáfora:

Formular esta questão em termos gerais seria comparável a perguntar a um campeão de xadrez: Diga-me, mestre, qual o melhor lance do mundo? Simplesmente não existe algo como o melhor lance ou um bom lance à parte de uma situação específica num jogo e da personalidade peculiar do adversário. O mesmo é válido para a existência humana. Não se deveria procurar um sentido abstrato da vida. Cada qual tem sua própria vocação ou missão específica na vida. (Frankl, 2019, p. 133).

Fig. 1: Metáfora do Jogo de Xadrez



Fonte: <https://www3.unicentro.br/petfisica>

/2020/08/06/como-o-xadrez-pode-contribuir-para-melhorar-a-qualidade-de-vida/.

Acesso em 23 de janeiro de 2026.

Esta metáfora do jogo de xadrez faz clarear o conceito de sentido na vida, ou seja, o sentido em cada situação concreta, na medida em que é perfeitamente entendido que não existe o “melhor lance do mundo”, tampouco a melhor jogada da existência ou um sentido genérico, impessoal e substancial. Ao mesmo tempo nos leva a pensar que, a depender da situação do jogo e da jogada do adversário, considerando como adversário um problema, conflito ou situação de sofrimento na vida, uma jogada de mestre é possível, podendo ser um xeque-mate circunstancial.

Cabendo aqui a metáfora de que “a vida é um jogo”, Frankl amplia para: “a vida é um jogo de xadrez”. Nesta concepção metafórica, caímos num paradoxo conceitual: “não existe a melhor jogada” e “existe a melhor jogada”, tudo dependendo da exposição das pedras do tabuleiro.

Metáfora do Filme: O sentido da vida

Recorrendo novamente ao reino das metáforas, Frankl apresenta o conceito de “sentido da vida”, dando agora um tom cinematográfico em tal apresentação. Segue a metáfora:

Gostaria de usar uma analogia: um filme é composto de milhares de cenas individuais, cada uma das quais transmite um sentido ao espectador; o sentido do filme todo, porém, só ficará evidente para nós no final da apresentação, contanto que tenhamos “apreendido” o sentido de cada cena individual. Não ocorre o mesmo com a nossa vida? Se algum dia o sentido de nossa vida nos for revelado, não será também somente no final? E esse sentido final de nossa vida não dependerá também da realização de sentido em cada situação particular, de acordo com nosso melhor conhecimento e consciência? (Frankl, 2017, p. 104-105).

Fig. 2: Metáfora do Filme



Fonte: [https://www.folhape.com.br/cultura/](https://www.folhape.com.br/cultura/cota-de-tela-para-filmes-nacionais-nos-cinemas-e-constitucional/176726/)

cota-de-tela-para-filmes-nacionais-nos-cinemas-e-constitucional/176726/.

Acesso em 23 de Janeiro de 2026.

Nesta metáfora, Frankl recorre ao conceito filmico de decupagem, através da qual um filme pode ser dividido em fragmentos cada vez menores: cenas, planos, *takes*. No caso em particular, Frankl apresenta a cena como a menor parte do filme. Assim, sendo o filme tecnicamente uma sequência de cenas, também o sentido final da vida terrena poderia ser vista como uma sequência de sentidos em cada situação vivida pelo espectador ou pessoa. Na metáfora, Frankl esclarece que da mesma forma que um espectador não consegue visualizar o final do filme, é possível que ele vislumbre o seu final com base em cada cena, tudo dependendo de sua percepção ou consciência, consciência esta que, no mesmo livro *A Presença Ignorada de Deus*, o autor chama de “órgão de sentido” (Frankl, 2017, p. 85).

Esta analogia entre o filme e a vida não foi uma mera elucubração de Frankl, posto que ela corrobora com a confirmação da recorrência imaginária da experiência de quase morte (EQM). Numa reportagem realizada pela BBC News Brasil⁵, intitulada “Como cientistas mostraram que a vida passa mesmo como filme antes da morte”, o repórter Holly Honderich, da BBC News em Washington, relatou que uma pesquisa

⁵ BBC News Brasil. Como cientistas mostraram que vida passa mesmo como filme antes da morte. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-60511033>. Acesso em 23 de janeiro de 2016.

realizada em Vancouver, no Canadá, com um paciente de 87 anos epilético, e antes disto, ratificada por outro estudo, agora com ratos saudáveis, concluiu, com base no aparecimentos de altos níveis de ondas cerebrais na hora da morte, que “a vida pode realmente passar diante de nossos olhos enquanto morremos.”

E este filme, cena por cena, como tradução da memória afetiva da pessoa num leito de morte, pode apresentar-se como uma retrospectiva dos fios de sentido vividos ao logo da sua existência. Trata-se de uma metáfora possível e passível de acontecer e que remete à constatação de que não é possível conhecermos o sentido da vida senão diante da morte iminente. Poderíamos também aqui utilizar uma segunda metáfora complementar: o sonho é um filme que se passa na nossa mente ao dormirmos. E como partes aparentemente desconexas, mas que, ao final, por vezes revela uma mensagem do nosso inconsciente, também o filme da metáfora de Frankl, semelhante à nossa existência, possivelmente trará à baila o sentido escondido nas cenas embaçadas pela razão consciente e reveladas pela intuição inconsciente.

Metáfora do Palco Escuro: O suprasentido

Fechando o ciclo do sentido, Frankl tenta explicar a sua mais intuitiva categoria: o “sentido do universo” ou “suprasentido”. Para tanto, a fim de explicar esta ideia, recorre a última das metáforas. Segue:

Alguma vez os senhores já estiveram num palco? Em caso afirmativo, devem lembrar-se de que, ofuscados pelas luzes, ao invés das pessoas no auditório só podiam ver um grande buraco negro; porém isso não iria fazê-los duvidar da presença dos espectadores, não é? Bem, o mesmo acontece com a maioria da população do nosso planeta que, ofuscada pelo “brilho” das trivialidades do cotidiano, preenche o “grande buraco negro” com símbolos. O ser humano, afinal, tem a necessidade de “projetar” algo ou alguém para dentro do nada diante do qual se encontra. (Frankl, 2017, p. 108, grifos do autor).

Fig. 3: Metáfora do Palco Escuro



Fonte: https://br.freepik.com/fotos-premium/holofotes-da-plata-ia-iluminam-o-palco-do-teatro_40725398.htm.

Acesso em 23 de Janeiro de 2026.

Nesta última metáfora, talvez seja onde Frankl mais excedeu em devaneio poético. Ele compara o palco escuro de um teatro ou auditório ao “buraco negro da vida”, através do qual projeta aquilo que falta em seu cenário de luzes ofuscantes e inebriantes do cotidiano contemporâneo. Num mundo das luzes dos *shoppings centers*, que por ora ilude a imagem do dia e da noite (não houvesse relógio, como saberíamos se é dia ou noite num *shopping*?), como perceber a profundidade da vida e como enxergar o objeto da nossa

existência se não recorrermos a um imaginário significativo: o sentido? Da mesma maneira, como o artista num palco poderia “enxergar” a razão da sua arte: a plateia?

Esta metáfora do palco escuro de Frankl parece dizer aos teístas: “sabemos que Deus está ali nos assistindo, apesar de não o vermos”⁶. Aos ateus, poderia dizer: como não enxergar uma ideia, uma ideologia, um propósito, uma missão, que nos motiva a apresentar a nossa arte de viver, ainda que não as vejamos? Frankl generaliza: “ofuscada pelo “brilho” das trivialidades do cotidiano, [a pessoa] preenche o “grande buraco negro” com símbolos. Ele aqui exacerba e expande seu conceito de suprasentido e cala aqueles que reduzem este conceito à ideia de Deus. O suprasentido aqui parece exceder a ideia de Deus, e acrescenta que ele, o suprasentido, pode ser um símbolo criado pelo movimento imaginário do *homo sapiens*.

Assim, onde Frankl faltou em clareza explicativa em relação a esta categoria do suprasentido, nesta metáfora ele foi límpido e profundo. Não que ele queira dizer que Deus seja um símbolo. Como um homem profundamente religioso que foi, ele concebe Deus como uma pessoa ou uma “superpessoa” (Frankl, 2014, p; 114); porém, ateus e agnósticos poderão “preencher” o buraco negro da escuridão do mundo além da vida, com um símbolo: seja uma ideia, ideologia, propósito ou missão. Na discussão sobre sentido e suprasentido, Frankl (1989, p. 61) assinala que o sentido pode ser encontrado na existência de cada sujeito específico, mas também para além da própria existência, ou seja, no campo transcendente à história, através da fé naquilo que não se pode apreender, “o sentido do todo”, referindo-se aqui ao suprasentido.

Muito embora o conceito de suprasentido remeta à ideia de Deus, o logoterapeuta colombiano José Arturo Luna Vargas sustenta a tese de que esta fé pode ser ampliada para além do religioso. Segundo ele:

É importante levantar a questão do suprasentido, como algo que está acima de si [...]. O suprasentido pode ser filosófico, técnico-científico, senso comum, conhecimento popular ou racionalidade teológica. Alguns exemplos de suprasentido podem ser: o destino, o darwinismo, a tese, a antítese e síntese do marxismo, a Vontade de Deus, o Karma, etc. São leis ou princípios que estão acima de você [...] como ser humano. (Vargas, 2025, p. 102).

Esta concepção de suprasentido, ainda que não se distancie da ideia de Frankl, sobretudo através da metáfora supracitada, nunca foi referenciada senão pelo autor colombiano e em pesquisa recente realizada pelos pesquisadores Gilvan de Melo Santos, Glória Maria Nogueira Pinheiro dos Santos, Michelle Rodrigues Santos e Ester Vitória Farias de Lucena⁷. Sendo assim, o que não foi dito por Frankl em prosa mais objetiva, ele o disse em forma de metáfora: “O ser humano, afinal, tem a necessidade de “projetar” algo ou alguém para dentro do nada diante do qual se encontra” (Frankl, 2017, p. 108, grifos do autor).

Referindo-se a um momento de monólogo íntimo, em *A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido*, Frankl (2014) comenta que o ateu diria que fala consigo mesmo, que o psicanalista diria que dialoga com o seu superego, um outro diria que fala com a sua própria consciência e o homem religioso diria que fala com Deus. Em suma, conclui: “Se Deus existe, então Ele não levará a mal quando alguém o confunde com o próprio eu e lhe dá um novo nome (Frankl, 2014, p. 113).

⁶ Frankl fala algo semelhante em FRANKL, Viktor. E.; LAPIDE, Pinchas. *A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido: um diálogo*, 2014, p. 160.

⁷ Em 2025 foi realizada uma pesquisa PIBIC/UEPB, financiada pelo CNPq, exclusivamente sobre novas categorias de suprasentido. Este trabalho inédito consta em relatório apresentado junto à Universidade Estadual da Paraíba, intitulado *O suprasentido e a morte na contemporaneidade: uma análise a partir da trilogia "Scythe"*.

E Frankl? Será que se importaria se o suprasentido fosse uma ideia ou uma projeção de Deus, diante do palco escuro da vida?

Considerações Finais

Normalmente, estudiosos e admiradores da Logoterapia e Análise Existencial confundem os conceitos de *objetivo*, *propósito*, *significado* e *sentido*. Em alguns textos, Viktor Frankl, fundador da abordagem psicológica e da concepção antropológica supracitadas, apresenta o conceito de sentido em forma de metáforas. Para explicar o conceito de sentido na vida, apresenta a metáfora do jogo de xadrez; sobre o sentido da vida, apresenta a metáfora do filme; e para fazer entender o conceito de suprasentido, constrói a metáfora do palco escuro.

Através da metáfora do jogo de xadrez, Frankl explica que não existe um sentido universal e estático, mas um sentido único, concreto e pessoal, apesar de não ser meramente subjetivo, mas transsubjetivo. Semelhante ao jogo de xadrez, o sentido na vida depende da situação em que se está inserido (situação do jogo) e do adversário, ou seja, as adversidades da vida, incluindo problemas e conflitos existenciais.

Através da metáfora do filme, Frankl explica que o ser humano só poderá apreender o sentido da sua vida no leito de morte, quando terá a possibilidade de compreender o sentido de cada momento existencial. Semelhante a um espectador de um filme que somente abarca a totalidade da obra no seu final, a vida de cada ser humano não passa de um mistério, desvendado apenas momentos antes de morrer.

Ao apresentar a metáfora do palco escuro, Frankl explica o conceito de suprasentido ou do sentido do universo. Diferente dos demais conceitos (sentido na vida e sentido da vida), que independe diretamente de sua subjetividade, a busca ou o entendimento do suprasentido depende da fé existencial de cada ser humano que, acreditando que na plateia habita um Deus, propósito ou missão, apreende-o, seja pela religiosidade ou pela força simbólica própria do *homo sapiens*.

Referências

AGOSTINHO. **Confissões**. Trad. A. do Espírito Santo; J. Beato; M. C. Pimentel. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001.

BATTHYANY, Alexander. In: FRANKL, Viktor; LAPIDE, Pinchas. **A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido**: um diálogo, 2014, p. 37-52.

BRUZZONE, Danielle. **Afinar la conciencia**: Educación y búsqueda de sentido a partir de Viktor E. Frankl. Buenos Aires: San Pablo, 2011.

BBC News Brasil. **Como cientistas mostraram que vida passa mesmo como filme antes da morte**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-60511033>. Acesso em 23 de janeiro de 2016.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. Trad. Hélder Coutinho. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002 (coleção biblioteca universal).

FRANKL, Viktor. E. **Psicoterapia e sentido da vida**: Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial. Trad. Alípio Maia de Castro. Ed: Quadrante – São Paulo – SP, 1989.

FRANKL, Viktor E.; LAPIDE, Pinchas. **A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido**: um diálogo. Trad. Márcia Neuman. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FRANKL, Viktor E. **A Presença Ignorada de Deus**. Trad. Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. São Leopoldo, Editora Sinodal; Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

FRANKL, Viktor E. **A Vontade de Sentido**: Fundamentos e Aplicações da Logoterapia. Trad. Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de Sentido**: Um psicólogo no campo de concentração. Trad. Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 46ª ed. Ed: Vozes – Petrópolis – RJ; Ed: Sinodal –, 2019.

Logos. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Logos>. Acesso em 23 de janeiro de 2026.

MAGRIN, Maria Heloiza Rodrigues. **A diferença de Propósito e Objetivo**. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/diferen%C3%A7a-de-prop%C3%B3sito-e-objetivo-maria-heloiza/>. Acesso em 22 de Janeiro de 2026.

METÁFORA do Filme. Imagem disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/cota-de-tela-para-filmes-nacionais-nos-cinemas-e-constitucional/176726/>. Acesso em 23 de Janeiro de 2026.

METÁFORA do Jogo de Xadrez. Imagem disponível em: <https://www3.unicentro.br/petfisica/2020/08/06/como-o-xadrez-pode-contribuir-para-melhorar-a-qualidade-de-vida/>. Acesso em 23 de Janeiro de 2026.

METÁFORA do Palco Escuro. Imagem disponível em: https://br.freepik.com/fotos-premium/holofotes-da-plateia-iluminam-o-palco-do-teatro_40725398.htm. Acesso em 23 de Janeiro de 2026.

PACCIOLLA, Aureliano. **Psicologia Contemporânea e Viktor Frankl**: fundamentos para uma psicoterapia existencial. Trad. Silvana Cobucci. Vargem Grande Paulista, São Paulo: Editora Cidade Nova, 2015.

ORTIZ, Efrén Martinez. **Coaching Existencial** – Basado em los principios de Viktor E. Frankl. Bogotá: SAPS, 2014.

SANTOS, Gilvan de Melo; SANTOS, Glória Maria Nogueira Pinheiro dos; SANTOS, Michelle Rodrigues; LUCENA, Ester Vitória Farias de. **O suprasentido e a morte na contemporaneidade**: uma análise a partir da trilogia "Scythe". Relatório PIBIC cota 2024-2025, CNPq/UEPB, 2026.

VARGAS, Jose Arturo Luna. **Logoterapia e drogadição:** como ajudar uma pessoa adicta?, 2024. Trad. Patrícia Ingrasiotano & Hallyson Alves. Campina Grande: CEPESI/CEPELOGI, 2025.